

**SABERES INDÍGENAS EM INTERFACE COM O CONTEXTO ACADÊMICO:  
a cartilha saberes xukuru, a cura pela natureza sagrada****INDIGENOUS KNOWLEDGE IN INTERFACE WITH THE ACADEMIC CONTEXT:  
The primer knowledge xukuru, healing by sacred nature**

Rozeane Albuquerque Lima<sup>1</sup>  
Cristian José Simões<sup>2</sup>  
Patrícia Cristina de Aragão<sup>3</sup>

**RESUMO**

O objetivo deste trabalho é perceber as aproximações da Cartilha *Saberes Xukuru: A Cura pela Natureza Sagrada* e o fortalecimento da identidade e cultura do povo Xukuru do Ororubá em Pernambuco. Para analisar tal material fomos influenciados principalmente por Stuart Hall (2006) e seu conceito de identidades híbridas. Chegamos à conclusão de que o trabalho traz uma importante contribuição não apenas no fortalecimento da cultura e identidade indígenas, mas também nas possibilidades de diálogos entre o conhecimento acadêmico e o saber indígena.

**Palavras-chave:** Saberes indígenas; normatividade; Xukuru

**ABSTRACT**

The purpose of this work is to understand the approaches of the Cartilha *Saberes Xukuru: A Cura pela Natureza Sagrada* and the strengthening of the identity and culture of the Xukuru do Ororubá people in Pernambuco. To analyze such material we were mainly influenced by Stuart Hall (2006) and his concept of hybrid identities. We concluded that the work brings an important contribution not only in strengthening indigenous culture and identity but also in the possibilities of dialogue between academic and indigenous knowledge.

**Keywords:** Indigenous knowledge; Normativity; Xukuru

**DOI:** 10.21920/recei7201738322336

<http://dx.doi.org/10.21920/recei7201738322336>

---

<sup>1</sup>Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) E-mail: [rozeanelima@hotmail.com](mailto:rozeanelima@hotmail.com)

<sup>2</sup>Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA, Professor de Biologia do IFAL. E-mail: [cristiancost@gmail.com](mailto:cristiancost@gmail.com)

<sup>3</sup>Doutora em Educação. Professora da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: [patriciacaa@yahoo.com](mailto:patriciacaa@yahoo.com)

## INTRODUÇÃO

Os saberes dos povos indígenas, construídos na tradição oral e incorporados ao contexto vivencial cotidiano das comunidades, são elementos constituintes da identidade destes grupos étnicos e que fortalecem a sua cultura e história. No decorrer da história brasileira, a resistência indígena tem sido a marca da luta deste povo e também da condução de suas práticas sociais e culturais.

Os conhecimentos das populações indígenas, perpassados intergeracionalmente, possibilitam o aprendizado cultural, histórico e social sobre estes povos, tanto na contextura das experiências comunitárias, nas aldeias, como em outros espaços, como o acadêmico, por exemplo.

Acreditamos que tanto entre as populações indígenas como fora de suas territorialidades, a produção de conhecimento elaborado por estes povos permite articular a cultura indígena com o saber acadêmico. Em face destes aspectos, os povos Xukurus, ressignificaram seus saberes ancestrais propiciando que tais conhecimentos possam empreender um diálogo com o universo acadêmico e o saber indígena, corroborando para desenvolver uma ação educativa intercultural.

Neste artigo, discutimos sobre a produção da identidade indígena Xukuru, através dos saberes produzidos por esta etnia na cartilha *Saberes Xukuru: A Cura pela Natureza Sagrada*. A relação dos Xukurus com os elementos do sagrado e o conhecimento secular sobre a natureza, foram fundamentais para que estes povos fossem reelaborando, através dos tempos, seus costumes e tradições, o que permitiu que gerações que os constituem reinventasse a tradição Xukuru perpassando os conhecimentos construídos e apreendidos, como uma herança cultural ancestral.

Advogamos a ideia de que tais saberes permitem a dialogicidade com outras formas de conhecimento, entre os quais destacamos aqueles contidos na universidade. É possível o diálogo intercultural, entre os saberes Xukurus e o contexto universitário, onde através do saber que constituem a educação indígena, talhada no viver cotidiano, possa ser um substrato para compreender como estas populações foram, no decurso da história, encontrando formas e modos de estabelecer uma relação com a territorialidade onde vivem e nela desenvolverem uma gama de conhecimento que permitem compor a sustentabilidade cultural destes povos.

Este artigo tem por objetivo perceber as aproximações da Cartilha *Saberes Xukuru: A Cura pela Natureza Sagrada* e o fortalecimento da identidade e cultura do povo Xukuru do Ororubá em Pernambuco. Para sua elaboração foi feita uma análise da cartilha no intuito de perceber o seu alcance educacional, social e cultural, na representação dos povos Xukuru e a constituição de sua identidade, através dos saberes por eles elaborados e contidos na cartilha.

A cartilha, objeto de nossa análise, é um registro histórico e fonte de produção de conhecimento sobre estes povos, o que nos permite fazer uma leitura de suas percepções, cosmovisões e relação com a natureza e o sagrado através das propostas e reflexões contidas na cartilha, percebendo-a não somente como um registro sobre as representações destes povos sobre a natureza e o sagrado, mas, sobretudo, a maneira como através de um trabalho coletivo, registraram na cartilha os conhecimentos que fazem parte da arquitetura social e histórica desta etnia.

Este trabalho, se situa no campo de estudos sobre os povos indígenas em interface com as reflexões sobre identidade, em que através da produção dos Xukuru podemos refletir a dimensão educativa do fazer que empreendem mediatizados por suas práticas culturais. Metodologicamente, utilizamos a cartilha como aporte reflexivo para que pudéssemos compreender o que pensam os povos Xukuru e como reelaboram os seus conhecimentos na cartilha.

Ao longo deste trabalho iremos fazer uma análise da cartilha Saberes Xukuru: A Cura pela Natureza Sagrada, de autoria do Povo Xukuru, pelas mãos de membros do Conselho Indígena de Saúde Xukuru do Ororubá, publicada em 2012, com uma tiragem pequena, já esgotada, mas que trouxe uma grande contribuição para o diálogo científico, pontuando a necessidade de ouvirmos mais, de registrarmos mais os saberes dos povos indígenas, percebendo a contribuição que estas aproximações academia- povos indígenas podem trazer para o bem estar de todos e todas.

Visualizamos a produção desta cartilha, também, como uma forma de resistência, como um fortalecimento da cultura e da identidade Xukuru. E, para guiar este debate de fortalecimento da identidade, Stuart Hall nos foi fundamental.

Este artigo está organizado em dois momentos: no primeiro empreendemos uma discussão sobre identidade para, a partir deste conceito, refletir sobre a construção da identidade Xukuru e como é possível compreendê-la a partir da cartilha e das informações nela contidas. No segundo momento, desenvolvemos reflexões sobre a cartilha e a maneira como a mesma foi elaborada em cada capítulo, onde tecemos comentários sobre sua constituição.

## **O FORTALECIMENTO HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL DAS IDENTIDADES ÉTNICAS: LEITURAS SOBRE OS POVOS XUKURU**

Neste tópico, tecemos reflexões sobre identidade e como a partir destas percepções podemos compreender a construção da identidade Xukuru, e a relação destes povos com o sagrado e a natureza, dando conformação social às suas práticas. A identidade como constituidora de um sentido e significado na prática dos povos do estudo em tela, foi sendo constituída através da relação que eles mantêm como o lugar onde vivem e elaboram maneiras de viver e se relacionar com a natureza em que a partir desta relação propiciam a manutenção destas populações.

Um aspecto importante no que se refere ao debate das identidades culturais é que elas não são categorias fixas, engessadas, sem mobilidade. Mais que isso: são passíveis de transformação, de continuidades, permanências ou de mudanças e negociações. Partindo dos pressupostos de Hall (2006) se as identidades não são fixas, os Xukurus foram ressignificando suas identidades a partir de suas práticas. Estabelecendo conexões entre o que concebem e o modo como vivem.

Atualmente, com a discussão sobre a fragmentação do sujeito associada ao rompimento das fronteiras e transformação dos conceitos de tempo e espaço devido à globalização que nos permite novas formas de comunicação e de interação, temos que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p.13). Ainda sobre estes aspectos Luiz (2009), chama atenção de que,

As apropriações e consumos das identidades são, na maioria das vezes, acionadas pelas *astúcias* dos sujeitos, que podem em determinado espaço assumir uma identidade mais voltada para o gênero, em outros para a questão étnico-racial, e em outros para identidades regionais e espaciais. Em algumas

situações, as identidades culturais podem também ser sobrepostas ou anuladas umas pelas outras, a depender mais uma vez do “momento oportuno”, da ocasião (LUIZ, 2009, p. 5-6).

A lógica capitalista e, mais recentemente a globalização, mudaram não apenas os referenciais identitários do ser humano, mas também sua relação para com o Ambiente. A necessidade de acúmulo de riquezas inicialmente criou as nações e as identidades nacionais com o objetivo de proteger os recursos disponíveis em cada recorte geográfico, que não raro eram os recursos naturais, como no caso do Brasil. Mais adiante as fronteiras geográficas, políticas, culturais e econômicas protegidas sob o manto da Nação e da identidade nacional se tornaram um obstáculo à lógica do sistema que, em busca do lucro, não (re)conhece fronteiras ou quaisquer outros limites que lhe são impostos.

Compreendemos, portanto, que mesmo em face de um contexto globalizador e excludente, é através de suas práticas sociais e culturais, que os Xukuru, buscam manter a relação com o local, estabelecendo o fio condutor entre o local, suas ações e a construção de suas identidades. São os marcadores identitários que vão redefinindo sujeitos, lugares e seus pertencimento e dentro desta lógica, observa-se um conflito, pois as identidades nacionais entram em crise por já não mais atenderem à lógica do Capitalismo.

No entanto, alguns grupos étnicos, como os Xukuru, por exemplo, que não necessariamente seguem os valores difundidos pelo capitalismo, se fortalecem a partir da valorização de suas tradições e, portanto do fortalecimento de algumas relações na qual o ser humano é um com a Natureza e não está fora desta, em uma relação de dominação como é interpretado pelo ser humano moderno.

Esta relação com a natureza e a maneira como os povos indígenas têm reelaborado suas tradições e conduzido suas ações cotidianas e de práticas culturais, como se verifica entre os Xukuru, tem fortalecido estas culturas negadas socialmente, pois o que produzem, o conjunto de saberes que fazem parte da composição destas culturas podem ser considerados como elementos mantenedores de suas trajetórias.

Para a melhor compreensão dessa relação é necessário, como sugere Paul E. Little (2012) pensar hidrograficamente e ecorregionalmente o país e, portanto, enaltecer as práticas de algumas comunidades tradicionais e os recursos naturais disponíveis para cada população, respeitando a capacidade suporte dos ciclos biogeoquímicos, que influenciam de forma direta na resiliência de áreas exploradas.

Tanto quanto no passado os primeiros contatos de povos com culturas diferentes causava estranhamento, atualmente, o fortalecimento dessas identidades étnicas provoca uma sensação preconceituosa da sociedade para com estes grupos. Ressaltamos, portanto, que o fortalecimento da identidade étnica destes povos é fundante, pois isto define e redefine suas ações e pontua sua relação com o território onde vivem. Como enfatizamos, se no passado indígena a relação foi de estranhamento no contexto contemporâneo estes povos buscam promover o diálogo intercultural, apontando que a relação com o não indígena é fundamental, mas manter suas tradições e práticas, saberes e modos e forma de viver é sumamente importante para a sustentabilidade étnica, cultural, histórica e ambiental destes povos.

O ser humano, dito civilizado, desenvolve para com essas comunidades ou uma relação de tutela, os considerando incapacitados para tomar decisões por si mesmo e proteger o ambiente

no qual vivem; ou, os julgando a partir dos valores da sociedade na qual está inserido, toma para si um discurso preconceituoso que desvaloriza não apenas a cultura, mas os seres humanos que tem uma relação de pertencimento para com estes grupos, os desvinculando por completo do contexto no qual vivem e interagem socialmente com outros indivíduos.

Mediante tais aspectos, ao desenvolver práticas culturais que tanto estabelecem relação com o meio ambiente, com a historicidade que fundamenta suas trajetórias e o contexto social, os povos Xukurus, estão rompendo com o pensamento colonizador que monta o discurso da igualdade sem perceber na sociodiversidade destes povos a sua riqueza, sem perceber na sua luta e resistência, modos de sobreviver e de se reinventar, criando maneiras de se auto-representarem diante de uma sociedade que ainda os olha de maneira excludente.

Cabe refletir neste momento sobre o preconceito cultural e, em alguns casos, geográfico, do qual são vítimas os pertencentes dos grupos em discussão. Assumindo como superior a sua própria cultura, o ser humano, participante de uma sociedade ocidental, com fortes influências europeias e judaico-cristãs, afasta de si e rotula como inferior tudo que possa contradizer as suas crenças, valores e estilo de vida. A sociedade, em um movimento contrário ao da inclusão, expõe os grupos étnicos como se estivessem em uma vitrine, o exótico que sobreviveu, a presença do passado no presente, peça de museu vivo. Inevitável o questionamento: Estamos mesmo longe das atrocidades cometidas ao longo da nossa história com povos outros que não os europeus?

Perceber os povos indígenas como exóticos ainda é uma atitude e postura que faz parte dos não indígenas, isto os desqualifica, já que estes grupos étnicos têm um jeito de se expressar no mundo e de se relacionar com ele que lhes são próprios. Mas esta singularidade não quer dizer inferioridade, é um modo de se situar no mundo. Como mencionamos, são valores, crenças e estilos de vida que demonstram formas de se articular com a sociedade de acordo com as tradições criadas por seus antepassados e manter tais tradições não significa prática antiquada ou arcaica, pelo contrário, significa que no decorrer da história dos povos indígenas estes souberam conviver com suas tradições culturais e manter o grupo a partir delas, recriando e potencializando seus saberes.

## **TRADIÇÕES CULTURAIS E PRÁTICAS SOCIAIS: REFLEXÕES SOBRE A CARTILHA SABERES XUKURU: A CURA PELA NATUREZA SAGRADA**

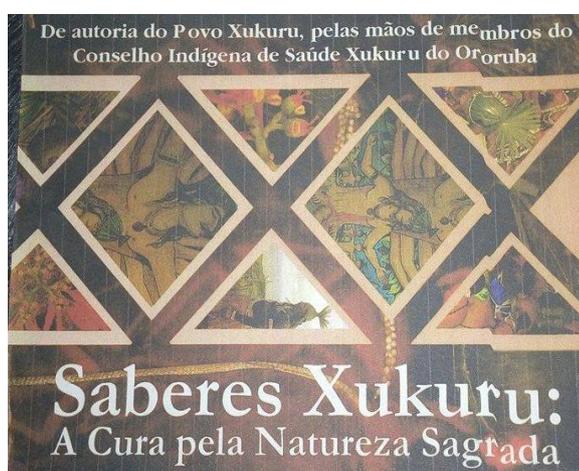
Ao longo deste trabalho, focamos nas permanências, nas possibilidades de manter viva a cultura, o saber e as práticas de um povo através de uma relação outra com a natureza que não a de exploração. Tomamos como evidência a discussão em torno da identidade para pensarmos o lugar da identidade dos povos indígenas no contexto social brasileiro e a partir de tais discussões situar os povos Xukuru. Neste item, discutiremos sobre a cartilha Xukuru, sua proposta, forma de organização e a importância da mesma para o acesso aos saberes produzidos pelos Xukurus. Esta cartilha mostra a diversidade de aprendizado na composição do saber deste grupo étnico, bem como, é possível perceber o trato dado pelos mesmos à relação de convivência com a natureza e seu usufruto em relação à mesma.

A cartilha se inicia com o Prefácio, onde se explicita que este é um trabalho que pretende atender a necessidade de “um amplo trabalho de pesquisa e de divulgação da cultura indígena”(s/p) que foi conduzido pelo Grupo de Pesquisa LEETRA, na Universidade Federal de São Carlos e que isso permitiu a impressão da cartilha pelo Departamento de Letra da UFSCAR, em São Paulo, embora o material tenha sido produzido em Pernambuco por membros do Conselho Local de Saúde Indígena do povo Xukuru do Ororubá, durante a gestão de 2007/2008.

O prefácio ainda esclarece que o propósito é “divulgar junto às equipes de saúde indígena e nas escolas indígenas a importância das curas tradicionais em consonância com os programas de saúde indígenas implantados a partir das ações do Subsistema de Saúde Indígena nas comunidades em 1999” (s/p).

A capa já traz marcas da arte indígena traduzindo nos traçados o saber-fazer destes povos, cada linha tem um significado e cada significado encontra seus múltiplos sentidos, conforme mostra a figura 1.

*Figura 1*  
*Capa da cartilha saberes Xukurus*



*Fonte: Cartilha Saberes Xukuru: a cura pela natureza sagrada*

A metodologia para elaboração da cartilha foi adotada a partir da participação coletiva conforme está subscrito na cartilha,

foram realizados dois encontros sobre medicina tradicional indígena com a participação de lideranças, pajé, detentores dos saberes tradicionais, profissionais de saúde e membros da comunidade, além de pesquisas de campo realizadas pelos membros do conselho com os conhecedores das plantas medicinais da comunidade” (CARTILHA SABERES XUKURU, 2012, s/p).

A cartilha também apresenta algumas receitas com a intenção de incentivar o uso dessas práticas tradicionais, ressaltando, no entanto, que “sua utilização seja aconselhável apenas com a orientação de pessoas que conhecem as plantas e o manejo para a produção de remédios” (CARTILHA SABERES XUKURUS, 2012, s/p). Por fim há, com o trabalho, uma intenção de

valorização de ações de saúde com práticas integradas, uma vez que a política nacional de saúde indígena preconiza a integração do modelo tradicional de cura aos serviços de saúde prestados na comunidade” (CARTILHA SABERES XUKURU, 2012, s/p).

Em seguida ao Prefácio, os agradecimentos são feitos, de acordo com a crença Xukuru, ao “pai Tupã e à mãe Tamain” além das pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização do trabalho. Há também uma dedicatória, feita aos detentores dos saberes Xukuru, “que já foram chamados pelo Pai Tupã e hoje vivem com os encantados de luz” (CARTILHA SABERES XUKURU, 2012, s/p). A cartilha é composta por 17 momentos e mais dois bônus que passaremos a visualizar agora.

O primeiro desses momentos é a **Apresentação**. Nela, se explica que o livro foi elaborado pelo Conselho Indígena de Saúde Xukuru do Ororubá- CISXO e que ela foi resultado de vários encontros com comunidades, lideranças e pessoas conhecedoras dos saberes de cura Xukuru. Nela também são pontuados dois objetivos: a- valorizar os conhecimentos do povo Xukuru e colocar em prática o que os antepassados deixaram de herança e b- oferecer elementos para a compreensão da medicina do povo Xukuru. Essa apresentação finaliza falando da realização do sonho de ver sistematizada a ciência indígena através da cartilha, ciência que o povo Xukuru almeja ver reconhecida como patrimônio cultural da humanidade.

O segundo capítulo é intitulado *Dedicando a Grandes Guerreiros*, é feita uma dedicação especial ao grande líder do povo Xukuru, o cacique Xicão, assassinado em conflitos por defender os direitos do seu povo. Há, nessa sessão, uma foto do Cacique, um trecho de uma fala dele extraído da TV Viva/ CFLF/CIMI, vídeo Xicão Xukuru, no qual ele falava sobre a possibilidade de ser assassinado, e um poema (CARTILHA SABERES XUKURU, 2012, pp.4-5)

No poema é descrita a representação dos Xukuru sobre Xicão, a luta e resistência deste povo, por seus saberes, tradições, costumes, o poema aponta para a busca da justiça social, em relação à atitude de finitude da vida de Xicão, mas também se remete ao mesmo como uma liderança forte, que deixou sua semente plantada no povo aguerrido, ou seja, sua fortaleza, sua luta não morreu com o mesmo, mas se ressignifica na prática do povo Xukuru.

Ainda nessa sessão seguem-se mais três dedicatórias a pessoas consideradas importantes pelo povo Xukuru:

- Osmário- Agende Indígena de Saúde, membro do Conselho de Saúde Indígena Xukuru do Ororubá
- Pajé Pedro Rodrigues- Seu Zequinha- o Pajé do Encanto
- Seu Medalha- Conhecido como mestre da gaita, cujo toque tem como finalidade invocar os antepassados , acolher encantos de luz e ajudar e orientar nas decisões diárias

A cartilha segue então, com uma breve sessão intitulada *História Xukuru: Mobilização, Resistência e Luta*. Essa sessão se inicia localizando o povo Xukuru:

localizado na serra do Ororubá, há 220 km do Recife, medindo 27.555ha, correspondendo a 27% do município de Pesqueira em Pernambuco. A população é de dez mil índios. Falamos o português, mas também muitas palavras da nossa língua materna. São palavras e expressões ensinadas pelos mais velhos, trabalhadas na educação escolar, conforme prevê o Projeto Político Pedagógico das nossas escolas (CARTILHA SABERES XUKURUS, 2012, p.09).

A cartilha ao mencionar a localização da comunidade Xukuru, possibilita uma leitura cartográfica deste povo, educando pela territorialidade deste povo, para que pessoas que não sejam pertencentes ao estado de Pernambuco e não tenham conhecimento de onde estão localizados estes povos possam saber onde estão situados. Para melhor evidenciar o que consta na cartilha, colocamos o mapa abaixo para melhor compreensão do leitor onde vivem os povos Xukurus, conforme consta na figura 2.

**Figura 2**  
**Mapa de Pernambuco localização da Comunidade Xukuru**



Fonte: <http://www.canalciencia.ibict.br>

Na sessão *História Xukuru: Mobilização, Resistência e Luta*, a ênfase é dada as formas de resistência do povo Xukuru no trajeto da história onde procuram dar foco a resistência desenvolvida por este povo, desde a invasão dos portugueses em 1500, chegando à 1767, quando a aldeia de Cimbres chega a categoria de cidade e muitos foram expulsos do lugar se fixando na Serra do Ororubá, sendo pressionados por fazendeiros invasores. A partir de 1985 o cacique Xicão liderou uma luta em prol da reorganização política e estrutural do território Xukuru, ele contou com a participação de um Pajé e de 23 lideranças das aldeias.

Verificamos que ao trazer a trajetória histórica da comunidade e apresentar a partir da cartilha o que foi no passado o significado da luta indígena em Pernambuco e como a mesma no contexto contemporâneo veio se consubstanciar, nos possibilita perceber como os povos indígenas, os Xukuru exemplificam isso: utilizaram de diversas ações e estratégias para romper com a espoliação que ao longo da história a eles foi delegada.

Os Xukuru participaram de discussões e mobilizações quando da elaboração da Constituição de 1988, dentro e fora das terras indígenas, com o movimento indígena e indigenista brasileiro, debatendo e construindo propostas. Em 1989, junto com outros povos indígenas do Nordeste criaram a Comissão de Articulação Indígena Leste/Nordeste, hoje Articulação de Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo- APOINME.

Podemos identificar as diversas ações políticas empreendidas pelos Xukuru para manutenção do seu povo e sua sobrevivência histórica, cultural, política e social. Ao se articularem em movimento e manter contato com outras organizações indígenas, os Xukuru demonstram o quanto se torna importante para o povo indígena estar em evidência, pois se durante muito tempo na escrita da história do Brasil as representações construídas para eles foram negativas, a luta, a resistência e a forma de organização coletiva através do movimento demonstram o quanto os povos indígenas buscaram e ainda buscam o reconhecimento de seus valores sociais, históricos e culturais.

A luta pelos direitos sociais do povo Xukuru é também a luta pelo direito de manter seus costumes, hábitos, tradições e modos de viver e a cartilha ao trazer estes aspectos empreende uma ação cultural e educativa que se estende tanto aos Xukuru e demais povos indígenas como

aos não indígenas, estabelecendo assim um diálogo intercultural na perspectiva dos direitos humanos.

Internamente os Xukuru se reorganizaram e criaram a Comissão Interna do Povo Xukuru, a Associação do Povo Xukuru, os Conselho de Liderança, o Conselho Indígena de Saúde Xukuru do Ororubá (CISXO) e o Conselho Indígena de Educação Xukuru do Ororubá (COPIXO). Na luta pelas retomadas do território, mataram o filho do Pajé: o Advogado Geraldo Rolim, e, mais adiante, o Cacique Xicão. O Cacique Marcos Luídson segue a luta em prol do povo Xukuru, mas as perseguições não param. Atualmente o território está nas mãos dos Xukuru.

O próximo tema, abordado pela cartilha, é o *Território Xukuru: Espaço Sagrado de Identidade e Luta*. Nesta sessão se explicita o termo Xukuru, terminologia oriunda de uma ave nativa da região chamada Uru, pássaro cujas penas servem para preparação de remédios, e o nome Ororubá, foi dado por uma planta chamada Ubá. As terras Xukuru são ricas em mananciais de água, possuindo nascentes, lagos, açudes e barragens. Tem relevo montanhoso, mas também tem planícies. O povo Xukuru é distribuído em 23 aldeias. Para melhor administrar o território as lideranças delimitaram as terras em três regiões: Agreste, Serra e Ribeira. Estas tem clima e vegetação distintos.

A região Agreste tem uma importância para a continuidade da memória religiosa, nela são praticados rituais e estão localizados os lugares sagrados do povo Xukuru. Igreja de Nossa Senhora das Montanhas (Mãe Tamain), Pedra do Conselho, Pedra do Crajé, etc. A região da Serra fica ao norte de Pesqueira e é uma região de mata onde se localizam a maior parte das plantas utilizadas para a Cura de doenças. Lá se localiza também a Mata do Mestre Rei do Ororubá, onde os Xukuru “plantam” seus guerreiros. Território considerado sagrado para eles, pois lá “moram a sabedoria e os mistérios dos encantados”. Lá eles buscam a cura para o corpo e a alma, sendo fortalecidos pela natureza através dos rituais: pajelança, dança do toré e a consulta aos encantados. A região da Ribeira, ao norte de Pesqueira, é uma região de planície, onde se localiza o leito do Rio Ipojuca e permite a prática da agricultura irrigada.

Seguimos com o tema 5: *As Festas e Rituais*. Aqui são pontuadas a transformação da crença no Deus Tupã e em toda a religiosidade indígena como pagã depois do contato com o “homem branco”, bem como a proibição de se praticar os rituais e a cristianização do povo Xukuru principalmente pelos padres Oratorianos.

Em uma prática de sincretismo Nossa Senhora das Montanhas foi adotada pelos Xukuru, como a Mãe Tamain e sua festa é celebrada no dia 2 de julho, quando é feito um grande Toré na aldeia de Cimbres. A festa de São João é conhecida como busca da lenha. Índios de todas as aldeias vão a pé, caminhando para a mata para buscar lenha e fazer uma grande fogueira em homenagem ao santo do mês e à Nossa Senhora das Montanhas. São realizados também rituais invocando os encantados para iluminação e fortalecimento do povo.

Além da ligação com os encantados, é destacada a participação das crianças desde cedo nestes rituais, para a formação de novos guerreiros, e também a importância do Pajé, o líder da religião indígena, por sua sabedoria vinda da ciência da natureza. Dentre os instrumentos usados nos rituais, há um destaque muito grande para a gaita de bambu ou tapanice, usada para invocar os encantados, embora também sejam usados a zabumba, o pífano e a maraca.

O tema 6 tem o título *A Saúde e a Doença no Nosso Povo*. Aqui o que mais se destaca são os conceitos de saúde e de doença para o povo Xukuru. Ter saúde, para o Xukuru é “ter equilíbrio entre o corpo e o espírito. É preservar as matas onde moram os Encantos de Luz. É preciso ter fé em Tupã e Tamain. Viver assim é ter uma vida saudável” (CARTILHA SABERES INDIGENAS, 2012, p. 15). O texto segue pontuando a sintonia com a natureza e a ausência de

muitas doenças antes do contato com o invasor. E como o invasor trouxe muitas formas de doenças e mortes desconhecidas as formas dos indígenas de tratar as doenças começaram a não mais servir.

As doenças hoje são explicadas pelos Xukuru de duas formas: as de ordem social e as de ordem natural. As de ordem natural são as que aparecem porque as pessoas desobedecem a Natureza e os espíritos que nela vivem, ou são espíritos do mal que prejudicam as pessoas. Mas há também as doenças causadas pela invasão do território, que trouxe a falta de comida, água poluída, falta de terra, o desmatamento que causa a extinção de animais de caça e plantas. Isto causa desequilíbrio entre o indígena e a natureza.

Também são apontadas como causas de doenças “a temperatura, as estações do ano, a má alimentação, as condições de moradia, a falta de saneamento básico, o lixo e outros fatores semelhantes” (CARTILHA SABERES XUKURU, ano, p. 15). São citadas como doenças comuns a diarreia, a desnutrição, a infecção respiratória, as verminoses, escabiose, diabetes, hipertensão, doenças do coração, gastrite, úlcera e doenças do sistema nervoso. Essas doenças, causadas pela invasão do homem branco, são por eles chamadas de doenças sociais.

Diante desta distinção, o povo Xukuru compreende a importância e a necessidade de lidar com duas formas de tratamento: a medicina tradicional dos Xukuru e a medicina ocidental. Esse debate nomeia o próximo capítulo: *A Medicina Tradicional do Nosso Povo*, que fala sobre as práticas de curas tradicionais desenvolvidas pelo pajé, rezadores/rãs, e parteiras tradicionais. Nos rituais de cura os indígenas usam instrumentos musicais, danças, orações e plantas medicinais para fazer remédios, que também podem ser feitos com animais ou até do barro ou do pó da terra. Eles acreditam que o poder e o dom da sabedoria destas variadas pessoas que lidam com a cura é dado por Tupã. Eles/as são filhos e filhas da Natureza Sagrada. Para os Xukuru é a Natureza Sagrada quem escolhe aquele/a que irá desenvolver poder de cura entre o povo. Dessa natureza vem “a cura, a esperança, a paz, a Jurema sagrada, os encantados, os irmãos de luz, o Mestre rei do Ororubá, Tupã e o Guerreiro do Vento” (CARTILHA SABERES XUKURUS, 2012, p. 16). Como vemos a prática da cura está diretamente associada à fé.

A fé, relação com o sagrado, uso e conhecimento das ervas, está na base de sustentação espiritual do povo Xukuru, pois a ligação com o sagrado, com a natureza e a fé e esperança que trazem no conhecimento ancestral de seu povo, criam as bases para as ações deste povo dentro da aldeia. A cura traz no seu cerne o estabelecimento do ser humano com o sagrado, e é nesta articulação que são elaboradas a prática do povo Xukuru.

No capítulo 8 intitulado *A Pajelança*, há, nitidamente, uma intenção de fortalecer a cultura e a identidade do povo Xukuru através da valorização de seus rituais, rituais que renovam sua relação natureza e fé, isto fica evidente quando na cartilha fazem menção ao significado da pajelança:

[...]é um ritual sagrado desenvolvido pelo pajé com grande significado para todos. Nela invocamos os encantos de luz, em busca de fortalecimento da fé, a limpeza dos caminhos a serem trilhados pelas lideranças na luta contra os inimigos que desejam fazer o mal, ou prejudicar o andamento da nossa luta pelo fortalecimento de nossas tradições. A pajelança é um ritual de proteção e de cura para doenças que tem causas espirituais (CARTILHA SABERES XUKURU, 2012, p.17).

O nono capítulo cujo título é: *Parteiras, Rezadeiras e Rezadores menciona* a importância e o respeito ao trabalho dessas pessoas e ressalta a dificuldade de acesso a serviços hospitalares que, no passado era inexistente no território Xukuru, o que só aumentava a importância destas pessoas na comunidade. Ao focalizarem a prática destes profissionais e seus ofícios, dão destaque ao trabalho social por estas pessoas empreendido, num lugar onde o serviço hospitalar fica distanciado, as parteiras adquirem um status de importância dentro da comunidade e as rezadeiras e rezadores, a partir do conhecimento das ervas, da convivência e grau de importância na comunidade tem uma relevante contribuição na contextura social. São pessoas que conhecem a comunidade, logo criam uma relação de proximidade, mas para além disto, adotam práticas de cura e atendimento comunitário, cujos benefícios podem ser arrolados nas discussões elencadas na cartilha. Em relação ao trabalho realizado pelas parteiras no contexto da aldeia, a cartilha menciona o seguinte aspecto:

Além dos partos essas mulheres também sabem receitar infusões e chás medicinais, benzer as crianças contra os maus olhados, entre outras habilidades. Muitas delas tornam-se madrinhas das crianças que nascem pelas suas mãos (ARTILHA SABERES XUKURU, 2012, p. 18).

Segue-se então, uma lista com fotos, nome completo e um parágrafo de apresentação de algumas destas senhoras e senhores que ajudaram “na construção da história do nosso povo”. Temos por elas eterna gratidão e reconhecimento (CARTILHA SABERES XUKURU, 2012 p. 18). Depois desta lista o capítulo é concluído falando das doenças trazidas pelo contato com o não índio e a influência que os serviços de saúde dos grandes centros urbanos tiveram sobre o povo Xukuru. Estabelece as diferenças e destaca que a medicina ocidental separa as pessoas por parte e não vê o todo. Faz também uma crítica à agressividade ao organismo das drogas manipuladas em laboratório e analisa como equivocada essa forma fragmentária e economicista de se tratar a saúde, sem buscar a qualidade do todo.

O capítulo 10 é intitulado *Medicina do não Índio* e nele há um reconhecimento da necessidade de lidar com medicamento, postos, hospitais, enfermeiras e médicos, mas há também uma ressalva:

[...] a saúde envolve um conjunto de ações, que se inicia pela valorização do nosso potencial de curas tradicionais encontrado em todas as nossas aldeias. Passa, também, pela qualidade de vida derivada de uma boa e saudável alimentação; da garantia de poder usufruir do nosso território; de viver em harmonia, protegendo a natureza; da participação nos rituais, na alegria de nossas músicas e danças, na fé na grandeza do mestre Ororubá (CARTILHA SABERES XUKURU, 2012, p.22).

A solução proposta para o impasse causado pelas diferenças nos tratamentos de cura é a “incorporação do pajé e das demais lideranças religiosas nas equipes de saúde multidisciplinares, procurando fazer um planejamento comum das ações de saúde e valorizando a medicina tradicional” (CARTILHA SABERES XUKURU, 2012, p.22). Para encerrar o capítulo há uma passagem de extrema importância para compreendermos como o povo Xukuru visualiza a saúde atualmente:

Entendemos que a medicina dos não Índios pode conviver e aprender muito com a nossa medicina tradicional, até porque sabemos que a maioria dos remédios é feito a partir de plantas, de raízes, de folhas e de frutos dos quais,

por uma questão de interesses financeiros, a indústria farmacêutica se apodera sem respeito algum ao nosso patrimônio natural (CARTILHA SABERES XUKURU, 2012, p.22).

O capítulo *Plantas Medicinais Utilizadas em Favor da Cura* traz uma reflexão sobre a diversidade de plantas e animais com poder de cura existentes no território Xukuru e sobre as regras da natureza e a necessidade de pedir a autorização dela toda vez que se precisa extrair algo da mesma para utilizar em ritual. Destaca-se que são obedecidos os limites que esta impõe para a retirada de qualquer elemento.

Há também uma reflexão para a necessidade de respeito e fé na utilização das plantas que servem de remédio. Elas têm seus segredos e se não forem respeitados podem causar danos ainda maiores à saúde. Plantas, animais e barros utilizados em rituais são consagrados e servem como oferendas para serem utilizados em benefício dos que estão necessitando. O poder de cura está, portanto, atrelado à fé e ao respeito ao que vai ser utilizado.

Em *As Plantas que Curam*, foram listadas, através de um tipo de verbete, plantas e as receitas utilizadas pelo povo Xukuru, para tratamento. Ao todo são listadas 61 plantas, algumas conhecidas, outras nem tanto.

No capítulo *Da Conquista do Direito às Políticas de Saúde Pública Específicas e Diferenciadas*, o destaque é dado à conquista no campo da saúde, que os indígenas obtiveram: direito de ter uma política de saúde específica e diferenciada e a criação do subsistema de saúde indígena. Com isso os indígenas conquistaram o direito de ter um atendimento à saúde que respeite suas crenças, costumes e tradições, além de ter uma gestão própria para administrar a política pública de saúde com controle social feito pelas organizações indígenas. Esta proposta está regulamentada pelos seguintes documentos:

- a- Decreto n. 3.156, de 27 de agosto de 1999, que dispõe sobre as condições da assistência à saúde dos povos indígenas;
- b- Medida Provisória n. 6.911-8, que trata da organização da Presidência da República e dos ministérios, onde está incluída a transferência de recursos humanos e outros, destinados às atividades de assistência da FUNAI para a FUNASA;
- c- Lei n. 9.836/99 de 23 de setembro de 1999, que estabelece o subsistema de saúde indígena no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS.

Com a implantação do subsistema adotando um modelo complementar diferenciado, organizando serviços voltados para a proteção e recuperação da saúde e garantindo ao índio o pleno exercício de sua indianidade, foi fundamental a criação de uma rede de serviços nas terras indígenas para garantir acesso à assistência à comunidade. Dentro do SUS, também “foi necessária a adoção de medidas para aperfeiçoar o funcionamento adequado à realidade dos povos indígenas, garantindo a participação efetiva das comunidades no controle social” (CARTILHA SABERES XUKURU, 2012, p. 34).

O Conselho Indígena Xukuru do Ororubá foi criado no sentido de tentar adequar o modelo assistencial desenvolvido pela FUNASA às realidades do povo. À época em que a cartilha foi escrita eles tinham um Polo-base com três equipes multidisciplinares de saúde indígena, formada por 3 médicos, 3 dentistas, 3 enfermeiras, 12 auxiliares de enfermagem, 28 Agentes Indígenas de Saúde (AIS), 21 Agentes Indígenas de Saneamento Básico (AISAN) e um agente operacional do

sistema de informação. Contavam também com 5 postos de saúde. Cada aldeia recebia atendimento médico uma vez por mês. Na ausência de posto, o atendimento era feito em escolas ou em casas cedidas pelos moradores. “Tanto o AIS como o AISAN são indígenas escolhidos pelas comunidades porque são comprometidos com todas as lutas do nosso povo e participantes efetivos dos nossos rituais e da vida da comunidade” (CARTILHA SABERES XUKURU, 2012, p. 35). O capítulo finaliza, trazendo a luta recente do Conselho:

[...] o Conselho Indígena de Saúde Xukuru do Ororubá tem travado uma ampla discussão com o objetivo de interferir nas políticas públicas de saúde desenvolvidas pelo - Distrito de Saúde Indígena- DSEI - discutindo o modelo da assistência à saúde do nosso povo” (CARTILHA SABERES XUKURU, 2012, p. 35).

No capítulo final, *Plantas Mediciniais*, temos as fotos das plantas citadas ao longo da cartilha, nos capítulos 15 e 16, fotos dos 1º e 2º Encontros, respectivamente, realizados em Pedra D'Água, e no capítulo 17, fotos do Encontro na Aldeia de Cimbres. Nos dois bônus que encerram a cartilha há uma fala, acompanhada de uma foto de João Jorge, uma entrevista dada no Congresso de Brasília, em 2007, e uma foto de D. Maria José de Lima na qual, abaixo tem escrito, Humildade e Dedicção ao seu Povo!

Pensar as comunidades étnicas que vivem no Brasil e sua interrelação com a natureza usando chave histórica é refletir sobre a formação do Brasil enquanto nação e sobre as relações de troca em todas as dimensões que ocorreram neste espaço: trocas culturais, econômicas, políticas, sociais entre outras. O estranhamento inicial deu lugar a uma hibridização de forma que, mesmo pensando em uma cultura ocidental dominante, em uma historiografia de vencedores e vencidos, ambos os lados se modificam ao entrar em contato com o outro.

O debate sobre identidades aqui posto tem a preocupação de dialogar com a relação ser-humano- natureza e com o quanto de culturalmente construído existe nesta relação. Os exemplos das experiências da comunidade acima citada, os Índios Xukuru do Ororubá, em Pesqueira, Pernambuco, reforçam a ideia de que não existe um determinismo geográfico, e que os usos das comunidades consideram uma capacidade criativa, por uma dimensão inventiva, quer em grupo quando se analisa o conhecimento passado de geração à geração (como, por exemplo, a técnica e o material usado para fazer os remédios), quer seja na perspectiva do indivíduo, ao evidenciar a sua experiência e sua vivência como únicas.

Ainda em outra perspectiva, temos que muitos dos integrantes destas comunidades não vivem mais nos espaços geográficos determinados para si, mas continuam com o sentimento de pertença ao grupo. O próprio Edson Silva faz referência aos Índios Xukuru que vivem na periferia da cidade de Pesqueira, as que nem por isto deixam de pertencer ao grupo, ou perdem sua identidade étnica. No entanto, mesmo nestes casos, a interrelação do grupo com a natureza e com seus costumes e tradições habita o espaço do imaginário, da origem dos indivíduos, do que os faz ser e sentir enquanto grupo.

Maura Penna, na introdução do seu livro *O que faz ser Nordestino* afirma que “a identidade constitui-se em um campo de trabalho multidisciplinar, que talvez apenas pelo intercâmbio de diferentes enfoques e contribuições possa ser eficazmente desvendado.” (PENNA, 1992, p. 13) Embora discordemos da possibilidade de “desvendar”, de desnudar as identidades em sua totalidade, reafirmamos a assertiva de que este debate tem que envolver vários campos de saber e que estes campos não se limitam às disciplinas. Muitas vezes o debate acadêmico estimulado e, ao mesmo tempo limitado pelas metodologias e teorias que nos são postas, não dá conta da experiência, da forma de sentir e da forma de pensar o mundo das

comunidades étnicas. O pensamento mítico ainda está muito presente em várias destas comunidades. Como usar conceitos científicos para atingir a compreensão e o sentido que algumas comunidades dão ao “encantado”?

É portanto, necessário validar uma outra perspectiva quando se pensa no sentido da vida, do mundo. Arlette Farge, refletindo sobre a afirmação de Michel Foucault de que “*O mundo é sem ordem, sem encadeamento, sem forma, sem beleza, sem sabedoria, sem harmonia*” (FARGE, 2011, p. 33) afirma que:

Vivemos sem pontos de referência ou coordenadas originárias, em miríades de acontecimentos perdidos: assim, na origem não haveria a ordem, nem a razão nem mesmo a liberdade... o homem é então o sujeito que inventa e constrói a partir desse disparate e desta desordem (FARGE, 2011, p.33)

Assim sendo, o ser humano se assume enquanto construtor/inventor de seu próprio sentido de mundo, de seu próprio passado. É neste debate que se insere a nossa proposta de compreender como as comunidades étnicas usam a sua relação com a natureza para criar um referencial de origem que fortalece as identidades, importante também é a percepção de que esta relação é construção discursiva, a paisagem é também elemento cultural e neste aspecto o debate acadêmico alcança o debate étnico, mas ao perceber a natureza e seus elementos enquanto mágicos, capazes de proporcionar bem estar, promover o bem ou o mal de um povo, os discursos não se entrelaçam, não dão conta da explicação do sentido da vida e do mundo que os grupos atribuem. Mas considerando, como afirma Durval Muniz, que a História é a arte de inventar o passado, há que se concordar que esta explicação do mundo é válida para estes grupos, e esclarece muito de suas práticas, que são objetos de trabalhos acadêmicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao empreender um trabalho coletivo de elaboração de uma cartilha sobre os saberes e práticas indígenas Xukuru, este povo desenvolve duas ações, uma o diálogo intercultural entre o povo indígena e o não indígena, compartilhando os saberes produzidos, pelo primeiro, fruto de um conhecimento talhado através do tempo e da sabença da ancestralidade, outra possibilita dialogar com o contexto acadêmico, formando e informando a partir da representação do próprio indígena sobre sua comunidade e seu acervo de conhecimentos.

O inventário de saber produzido pelos Xukuru se torna importante de ser compartilhado e apreendido no contexto universitário, sobretudo em cursos de formação de professores, para a promoção do reconhecimento da identidade étnica e cultural deste povo, para que os futuros professores em suas práticas escolares, ao mencionarem os povos indígenas e terem como exemplo os Xukuru, falem da história deste povo, através da leitura e do olhar dos próprios Xukuru, pois, ao desenvolver este tipo de ação, a universidade em articulação com a comunidade Xukuru, contribuirá e dará relevância a um importante trabalho educacional de inclusão social, histórica e cultural dos povos indígenas brasileiros e nordestinos, permitindo que na escola haja o reconhecimento educativo deste povo. Ao fazer isso se desenvolve uma prática política de ressignificação dos povos indígenas e de reconhecimento de seu valor social.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5, ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História A arte de inventar o passado**. Bauru:Edusc, 2007.

FARGE, ARLETTE, **Lugares para a História**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LITTLE, Paul E. **Etnodesenvolvimento local: autonomia cultural na era do neoliberalismo global**. Campo Grande - MS: *Tellus*, ano 2, n. 3, p. 33-52, out. 2002.

LUIZ, J. M.; SOUZA, M. L. G. **Caiana, Coco e Ciranda: As Cirandeiras de Caiana dos Crioulos e a arte de (Re) Inventar o Cotidiano**. In: *II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Culturas, Leituras e Representações*, 2009, João Pessoa - PB. II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Culturas, Leituras e Representações. João Pessoa - PB : Editora Universitária: UFPB, 2009. p. 1-11.

PENNA, Maura. **O que faz ser Nordestino. Identidades Sociais, interesses e o “escândalo” Erundina**. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

SILVA, Edson H. **Xukuru: memória e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988**. (Tese de doutorado em História). São Paulo: IFCH/Unicamp, 2008.

Submetido em: Outubro de 2016

Aprovado em: Maio de 2017